

## “Hoy soy pueblo”:

### a poesia militante de Nilton Rosa da Silva, um brasileiro exilado no Chile de Salvador Allende

Maurício Marques Brum<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca analisar aspectos da trajetória militante de Nilton Rosa da Silva, estudante brasileiro que se exilou no Chile durante o governo de Salvador Allende, onde passou a militar no Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), vindo a ser morto em junho de 1973 por grupos de ultradireita que buscavam o golpe de Estado. O estudo está centrado no livro de poesias *Hombre América* (1972), publicado a mimeógrafo por Nilton da Silva em Santiago e até hoje inédito no Brasil. Através de uma análise de seus poemas, busca-se demonstrar de que forma – e até que ponto – a retórica do MIR influenciou o pensamento político do jovem brasileiro, dentro daquilo que pode ser concluído a partir de seus textos. Também é possível perceber a preocupação do estudante exilado com a situação em seu país natal, em frequentes menções à ditadura brasileira e a luta para derrocá-la.

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar brasileira; *Hombre América* (livro); Movimiento de Izquierda Revolucionaria (Chile); Nilton Rosa da Silva; Poesia militante.

**Resumen:** Este trabajo busca analizar aspectos de la trayectoria militante de Nilton Rosa da Silva, estudiante brasileño que se exilió en el Chile durante el Gobierno de Salvador Allende, donde pasó a militar en el Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), acabando por ser muerto en junio de 1973 por grupos de ultraderecha que buscaban el golpe de Estado. El estudio está centrado en el libro de poesías *Hombre América* (1972), publicado a mimeógrafo por Nilton da Silva en Santiago y hasta el día de hoy inédito en Brasil. A través de un análisis de sus poemas, se busca demostrar de que manera – y hasta qué punto – la retórica del MIR ha influido en el pensamiento político del joven brasileño, dentro de lo que puede concluirse a partir de sus textos. También es posible percibir la preocupación del estudiante exiliado con la situación en su país natal, en frecuentes alusiones a la dictadura brasileña y a la lucha para derrocarla.

**Palabras clave:** Dictadura civil-militar brasileña; *Hombre América* (libro); Movimiento de Izquierda Revolucionaria (Chile); Nilton Rosa da Silva; Poesía militante.

## Introdução

O brasileiro Nilton Rosa da Silva morreu no Chile, em junho de 1973, cerca de três meses antes do golpe militar que derrubaria o governo do socialista Salvador Allende, dando início aos dezessete anos da ditadura encabeçada pelo general Augusto Pinochet. Em meio à crise final da administração allendista, Nilton caiu assassinado num momento de especial tensão, quando a ameaça de golpe já era percebida em muitos círculos de esquerda e as manifestações opositoras ao governo vinham crescendo: de fato, sua morte se deu durante uma passeata contra Allende, quando grupos conservadores e esquerdistas entraram em choque nas ruas de Santiago, nas proximidades do palácio presidencial de La Moneda.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A morte de Nilton da Silva foi e não foi acidental: por um lado, é praticamente certo que ele não era buscado em particular como vítima premeditada da violência; por outro, seu assassinato não era mera casualidade, pois se integrava a um quadro de tensões evidentes vividas naquele momento, com grupos armados de ultradireita e de extrema-esquerda frequentemente entrando em conflitos similares ao que vitimou Nilton, quando ocorriam passeatas – fossem elas a favor ou contra o governo. Nilton da Silva pertencia a uma dessas organizações muitas vezes colocadas numa das extremidades do espectro político do Chile em 1973: era militante do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR), facção política considerada à esquerda da própria coalizão governista (a Unidade Popular – UP –, encabeçada pelos partidos comunista e socialista), e que manteve até o fim o discurso da luta armada como única alternativa para alcançar uma Revolução no país. Esse posicionamento estava em desacordo com o tom mais ameno defendido publicamente por Allende, e especialmente pelos comunistas, que propunham a “via chilena” ao socialismo – uma transição sem pegar em armas e respeitando a legalidade pré-existente à vitória eleitoral registrada em setembro de 1970.

Sem ser casual, a morte de Nilton foi, de certo modo, excepcional: não era um caso inédito, mas ainda assim era suficientemente raro, que um militante caísse por suas convicções políticas, em um conflito de armas na mão, num país que – afinal – ainda estava sob um regime democrático. Tal condição faria com que seu assassinato passasse por tentativas de apropriação num discurso político mais amplo, convertendo-se temporariamente num mártir do MIR (logo seria superado, dentro da narrativa do movimento, pelas centenas de vítimas da ditadura), e seu funeral multitudinário – reunindo militantes não apenas ligados ao mirismo, mas também aos partidos da UP, mesmo aqueles que eram críticos ao MIR – pode ser considerado uma manifestação da tentativa final da esquerda chilena de encontrar uma união para se articular na defesa do governo ou na eventual resistência a um golpe<sup>2</sup>.

Neste trabalho, entretanto, eu gostaria de analisar outro aspecto, relacionado não à morte, mas à vida de Nilton Rosa da Silva, com um olhar particularizado sobre uma série de poemas escritos durante seu período no Chile. Exilado no país desde 1971, o estudante brasileiro ingressou no curso de Castelhana do Instituto Pedagógico da

---

<sup>2</sup> Uma análise aprofundada desta situação compõe o problema central da dissertação de mestrado que desenvolvo atualmente.

Universidade do Chile<sup>3</sup> e, pouco tempo depois, passou a integrar as fileiras do MIR. Interessado em literatura, gostava de escrever poesia, ajudou a fundar uma revista literária no curso e chegou a publicar um curto livro em meados de 1972: *Hombre América*, edição mimeografada que circulou somente entre amigos e colegas, sem jamais ter chegado ao Brasil, a qual pudemos localizar, permitindo este estudo<sup>4</sup>. Através da análise dos vestígios da trajetória militante de Nilton, assim como de documentos oficiais e discursos das lideranças do MIR, este artigo propõe uma discussão sobre de que modo – e até que ponto – a poesia do estudante brasileiro esteve influenciada por essa retórica revolucionária que pregava a luta armada mesmo em tempos de um governo socialista eleito democraticamente.

### **Algumas considerações sobre o uso da biografia na história**

Conhecendo o final de sua vida e o funeral que reuniu milhares de pessoas nas ruas de Santiago, o primeiro poema incluído por Nilton Rosa da Silva no volume soa surpreendentemente profético:

*Mi nombre no es más mi nombre,  
porque yo no soy, siquiera yo,  
porque soy hombre, hermano, combatiente,  
porque hoy soy arma, polvo, agua y sangre.  
Hoy soy américa dormida que despierta,  
soy los explotados del mundo  
que se rebelan,  
soy los fusiles que empuñan  
los pueblos en lucha.*

*Hoy soy pueblo...*<sup>5</sup>

De certo modo, pode-se dizer que, ao encontrar a morte numa esquina chuvosa de Santiago em 15 de junho de 1973, Nilton deixou de ser ele mesmo e passou a ser – no discurso do mirismo – aquilo que fizeram dele, as apropriações e construções que se

---

<sup>3</sup> Desmembrado da Universidade do Chile durante o processo de reorganização e privatização do ensino superior levado a cabo por Pinochet na década de 1980, o Instituto Pedagógico tornou-se uma instituição independente e atualmente é conhecido como a Universidade Metropolitana de Ciências da Educação (UMCE).

<sup>4</sup> Agradeço ao esforço investigativo de Raul Ellwanger, membro do Comitê Gaúcho da Verdade, Memória e Justiça Carlos de Ré, também estudante do Instituto Pedagógico à época dos acontecimentos. Ellwanger obteve, junto a ex-colegas chilenos, uma versão do livro, cujas cópias fac-similares me foram gentilmente cedidas para esta pesquisa.

<sup>5</sup> “Poema I”. Silva (1972, s.p.).

efetuaram naquele contexto de crise. “Hoy soy pueblo”, um verso tão poderoso, parece encaixar-se perfeitamente com as cenas registradas em seu funeral, dois dias depois, quando milhares de militantes dos mais diversos partidos da esquerda acompanharam o cortejo fúnebre até o Cemitério Geral da comuna da Recoleta. É evidente, contudo, que nenhuma premonição pode ser encontrada nas linhas escritas por Nilton. Não é improvável que ele tenha, mais de uma vez, considerado a hipótese de morrer por suas convicções políticas – tendo saído do Brasil em pleno governo de Emílio Garrastazu Médici e militando num movimento que defendia o uso das armas para criar o “poder popular” –, e isso pode ser percebido em outras passagens de seu texto. Mas a invocação às tonitruantes linhas do “Poema I” de *Hombre América* deveria ser apenas isso: um tributo à eloquência dos versos, uma tentativa de atribuir um sentido retrospectivo à trajetória de um militante que morreu pela “causa do povo”, como o MIR fez questão de insistir. Um trecho precioso por sua força narrativa, mas apenas um de muitos aspectos que precisam ser problematizados ao lidar com esse tipo de material na escrita da história.

A crítica de Pierre Bourdieu à “ilusão biográfica” parece muito pertinente no exemplo – um tanto ingênuo – que menciono acima. Em seu texto já clássico, o francês propõe um questionamento à noção da biografia conferida pela linguagem cotidiana, segundo a qual “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência concebida como uma história e o relato dessa história”.<sup>6</sup> Incorrer nesse equívoco tão frequente implica encarar a biografia como uma narrativa estruturada de tal forma que nos vemos diante de uma descrição dos fatos como se toda a trajetória fosse um “percurso”: um começo conhecido<sup>7</sup> e etapas intermediárias mais ou menos esperadas, sempre convergindo para um fim que pode ser apresentado não apenas como inevitável, mas mesmo “lógico” para aquela trajetória. O “encerramento” da narrativa pode ser apresentado como um autêntico objetivo da existência narrada, um *telos*, de modo que o texto acabe estruturado em uma “ordem cronológica que também é uma ordem lógica”.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Bourdieu (2006, p. 183).

<sup>7</sup> Grijó (2008, p. 86) argumenta que os textos biográficos estão muitas vezes “velados pelo mento do referencial *arché-telos*”. O *arché* surge como complementar ao *telos* (nos termos definidos por Bourdieu em sua crítica à “ilusão biográfica”): enquanto este último pode aparecer na biografia como um objetivo lógico e realizador para a trajetória narrada, o *arché* também pode ser construído no texto como uma “origem” dotada de sua própria lógica, de modo que o caminho entre um e outro chega, às vezes, a ser colocado como um projeto previamente calculado pelo indivíduo – ou, mesmo, predeterminado por agentes e pelas condições externas a eles, implicando, no extremo, até uma “predestinação”.

<sup>8</sup> Bourdieu (2006, p. 184).

Esse risco é muito presente em autobiografias e memórias de indivíduos que escrevem sobre suas próprias trajetórias, tentando estabelecer um sentido e uma interpretação *a posteriori* às decisões tomadas, mas o biógrafo não está imune a esse impulso de aplicar uma “coerência” aos acontecimentos. Seria muito simples, por exemplo, atribuir o exílio de Nilton da Silva e sua posterior filiação ao MIR à realidade de que ele já era um militante ativo no movimento estudantil gaúcho (chegou a integrar a direção da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas – UGES – no biênio 1967/68<sup>9</sup>), como se essa tendência política – à esquerda – já estivesse predeterminada por sua atuação prévia, inscrita “geneticamente” nele antes mesmo de sair do Brasil. Mas essas explicações, aparentemente fáceis, esbarram em outros dados concretos: não há registro de que Nilton tenha sido pessoalmente perseguido ou preso antes de deixar seu país natal, e nenhuma atuação anterior ao exílio é capaz de explicar inteiramente sua opção por militar num grupo tido como “extremista” no Chile, e não pelos partidos tradicionais integrantes da Unidade Popular.

O uso de um estudo de trajetória permite-nos desfazer certas concepções equivocadas, assim como observar certos aspectos do passado que não seriam possíveis sem um olhar sobre o indivíduo e as alternativas que se colocaram diante dele ao longo da vida. Longe vai o tempo em que a biografia era usada meramente com o objetivo de “lutar contra o olvido, escolher o que a posteridade deve guardar e dar a conhecer um certo número de traços característicos de uma personalidade em questão<sup>10</sup>”, de preferência abordando uma personalidade “heroica” e moralizante. Mas, mesmo que o tom hagiográfico tenha sido deixado de lado, a insistência de muitos textos biográficos pelo “grande homem” manteve uma certa reticência quanto ao uso desse material, vigorosamente rechaçado nos primeiros tempos da história social influenciada pelos *Annales*. Convém ter em conta que a retomada do gênero biográfico por parte de muitos historiadores sobretudo na metade final do século XX se deve, em grande parte, ao abandono da velha ideia de encerrar o relato de uma vida em si mesmo. Interessa, mais, partir de determinada trajetória – e não necessariamente a de um “grande sujeito da história” – para reinterpretar questões históricas:

*Obviamente que, pelo menos no campo do conhecimento histórico, a relação indivíduo/sociedade não se constitui propriamente num problema novo. Contudo, na maior parte das vezes, os autores tenderam a enfatizar um dos polos da relação: o homem ou o contexto, o sujeito ou a estrutura, o voluntarismo ou o determinismo, a liberdade ou a*

---

<sup>9</sup> Lisbôa (2010, p. 287).

<sup>10</sup> Dosse (2009, p. 125).

*necessidade. Hoje, pelo contrário, um número significativo de historiadores procura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes vultos”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas).<sup>11</sup>*

Assim, é preciso ter em consideração as possibilidades abertas ao indivíduo pelo contexto em que se encontra, e até que ponto a pessoa inserida nesse cenário é capaz de encontrar margens de ação. Muitas vezes, tomando-se um objeto à luz de seu final (quando este é conhecido), tende-se a estabelecer um sentido para uma série de decisões que, se bem podem ter sido fruto de algum cálculo, frequentemente são tomadas sem planejamento prévio, sem a devida ponderação de consequências a longo prazo, respondendo a necessidades impostas por um contexto que também muda – às vezes com grande rapidez para que se realize qualquer ato mais calculado. Para Bourdieu, não é possível compreender uma trajetória “sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou<sup>12</sup>” e, a seguir, as relações objetivas entre o agente considerado e os outros agentes envolvidos naquele campo que está sendo estudado. Em outro trabalho, ele questionará a “transformação do trajeto em projeto”, que faz os pesquisadores agirem “como se os agentes sempre tivessem tido como finalidade, no sentido de objetivo, o fim, no sentido de termo, de sua trajetória”.<sup>13</sup>

Norbert Elias, em texto publicado originalmente em 1939, já apontava para uma discussão sobre as potencialidades e os limites das ações individuais dentro de (e frente a) certo contexto de regras implícitas. Como o autor postula – e essa ideia percorre toda a sua obra, “a existência de muitas pessoas, sua vida em comum, seus atos recíprocos, a totalidade de suas relações mútuas [dão] origem a algo que nenhum dos indivíduos, considerado isoladamente, tencionou ou promoveu”.<sup>14</sup> No entanto, mesmo que esses atos individuais sejam dotados de importância, contribuindo minimamente para moldar determinada situação, existe sempre uma limitação: “apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos”.<sup>15</sup> Essa ordem não é um ordenamento propriamente dito, mas uma espécie de barreira que se apresenta à pessoa – sem se revelar totalmente –

---

<sup>11</sup> Schmidt (1997, p. 15).

<sup>12</sup> Bourdieu (2006, p. 190).

<sup>13</sup> Bourdieu (2011, p. 146).

<sup>14</sup> Elias (1994, p. 19).

<sup>15</sup> Elias (1994, p. 21).

colocando diante dela as várias escolhas que compõem a “gama de possíveis” de cada um.

Escrevendo em 1953, Isaiah Berlin também se dedicou a discutir os limites – e o peso – das ações individuais, em um ensaio sobre o que chama a “inevitabilidade histórica”. Nesse trabalho, o autor critica tanto perspectivas deterministas quanto relativistas quando se busca observar de forma analítica e crítica o mundo. Ambas, segundo Berlin, contribuem a seu modo para tentar minimizar o peso das ações individuais. Se a visão determinista tenta atribuir a responsabilidade dos acontecimentos a forças “impessoais”, às vezes abstratas, ela nada mais faz do que pegar “o peso da responsabilidade” das ações humanas, que Berlin argumenta existir, e transferi-lo precisamente “para as costas largas dessas vastas forças impessoais”.<sup>16</sup> A visão relativista, por sua vez, seria culpada por provocar um certo cinismo que bloqueia tentativas de interpretação mais aprofundadas. Sem absolver nenhuma das perspectivas, Berlin aponta os argumentos de cada parte como alegações “[d]aqueles que não podem ou não desejam enfrentar o fato da responsabilidade humana, a existência de uma área limitada, mas ainda assim real, de liberdade humana”.<sup>17</sup>

Essas considerações aparecerão também, alguns anos mais tarde, no âmbito dos historiadores que iniciaram o que ficaria conhecido como a *microstoria* italiana. A margem de liberdade individual aparece de forma bastante imagética na comparação feita por Carlo Ginzburg durante a introdução de seu famoso *O queijo e os vermes*. Mesmo ao se analisar um indivíduo que não se enquadraria dentro do modelo que poderia ser considerado “típico” de sua época ou condição social – caso do moleiro Menocchio, certamente não um “camponês médio” capaz de se tornar um exemplar modal –, a singularidade não consegue extrapolar certas condições impostas pela cultura da época, do local ou da classe em que se vive – em suma, das circunstâncias que rodeiam esse agente, mesmo sendo ele “excepcional”. Desta maneira, existe, segundo Ginzburg, “um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”.<sup>18</sup>

No potencial de analisar a extensão desse “horizonte”, das muitas maneiras de atuar dentro dele – e tentar dobrar suas normas – reside a grande importância do uso da biografia no estudo histórico, segundo Giovanni Levi, outro autor ligado à micro-

---

<sup>16</sup> Berlin (2002, p. 189).

<sup>17</sup> Berlin (2002, p. 225).

<sup>18</sup> Ginzburg (2006, p. 20).

história. De acordo com Levi, estudos biográficos podem colaborar na indagação sobre a liberdade de escolha dos indivíduos frente às diversas opções que lhes são colocadas durante a vida, e até que ponto essa liberdade é capaz de operar frente aos “sistemas normativos” nos quais a pessoa observada está inserida (ou vem a inserir-se em dado momento), assim como as relações do agente em foco com o grupo maior do qual faz parte. Para o historiador italiano, a biografia permite verificar “o caráter intersticial [...] da liberdade de que dispõem os agentes<sup>19</sup>”, ou seja, oferece a oportunidade de observar o funcionamento concreto de tais sistemas normativos, das brechas e potencialidades que se apresentam para as ações executadas dentro deles. Escreve Levi:

*a importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.<sup>20</sup>*

No caso de Nilton da Silva, as considerações dos autores citados se mostram claramente pertinentes, no que diz respeito tanto à relativa liberdade de escolhas que ele possuía – por exemplo, no caso do exílio, havia também a possibilidade de permanecer no Brasil, ainda que implicando em um ônus que talvez encarasse como excessivamente pesado para sua segurança pessoal –, mas também quanto aos condicionamentos impostos pelo contexto. Nilton poderia permanecer no Brasil, ir mesmo para o Chile ou tomar outros rumos e, identificando-se com a esquerda política, poderia tanto ter militado no MIR, como fez, ou em algum partido da Unidade Popular de Allende. Mas essas escolhas se colocavam naquele contexto específico do início da década de 1970: apenas dez anos depois, após a Lei de Anistia no Brasil, um jovem da idade de Nilton dificilmente consideraria com mais peso a hipótese de exilar-se por razões políticas, e certamente não o faria no Chile, então sob a ditadura de Augusto Pinochet. Vinte anos depois, com os dois países em processo de redemocratização, um jovem como Nilton da Silva não encontraria no seu horizonte de possibilidades a oportunidade de militar num grupo que pregasse a revolução socialista pela via armada – pelo menos, não um grupo de relativo peso no cenário político local – e, de todo modo, como a inclinação político-ideológica não é uma qualidade intrínseca, talvez não percebesse da mesma forma as injustiças sociais que o rodeavam na época da ditadura, tendo quiçá um interesse menor

---

<sup>19</sup> Levi (2006, p. 180).

<sup>20</sup> Levi (2006, p. 180).



em se envolver com um partido ou movimento ao estilo daqueles de que efetivamente fez parte.

Assim, reveste-se de importância analisar as escolhas tomadas frente àquele contexto e, além disso, o tanto do pensamento político desse estudante brasileiro que pode ser encontrado nos versos de *Hombre América* – e até que ponto as ideias expostas naquele livro estariam em consonância, ou não, com o discurso do movimento em que passou a militar uma vez vivendo em Santiago. Para isso, é necessário, em alguns casos, preencher lacunas deixadas pela documentação e pelas fontes orais. Devemos ter em consideração uma margem narrativa de “imaginação”, não para inventar fatos, não para estabelecer um sentido oculto coerente (e inexistente) como critica Bourdieu, mas a fim de propor hipóteses prováveis que ajudem a resolver nosso problema – sempre a partir daquilo que os documentos nos apontam. Uma frase de Natalie Davis na abertura de *O retorno de Martin Guerre* parece explicitar essa preocupação: “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”.<sup>21</sup>

Nilton Rosa da Silva, evidentemente, não é Martin Guerre – com as implicações positivas e negativas que isso traz ao pesquisador. Nilton não é um indivíduo cuja trajetória só podemos reconstituir com base em vestígios legados por séculos passados: sua existência é recente e muitos de seus contemporâneos estão vivos. Podemos ouvi-los e, graças aos avanços técnicos, podemos indagar outros registros que em épocas passadas se perderiam numa dimensão etérea – discursos nos quais ele é mencionado após a morte podem ser recuperados por meio de gravações, e vários pequenos fragmentos de textos escritos a seu respeito, por amigos e ex-colegas, e até alguns recortes de imprensa, além, é claro, do seu próprio livro mimeografado, um documento já raro passadas apenas quatro décadas de sua morte, podem ser obtidos das maneiras mais diversas, graças a arquivos pessoais ou públicos. Por outro lado, temos a dificuldade imposta por uma vida curta que só ganhou notabilidade após seu trágico fim. Nilton da Silva viveu apenas 24 anos. Não teve tempo de produzir mais textos que permitam elucidar seus posicionamentos, e nem rendeu, em vida, qualquer registro conferido a personagens contemporâneos seus que ocupavam papéis de liderança no MIR. Era um militante comum, um anônimo, que ganhou espaço na documentação do período por ter se convertido num mártir acidental – tudo o que se escreveu sobre Nilton

---

<sup>21</sup> Davis (1987, p. 21).

foi feito após sua morte, e esses materiais estão marcados tanto pela comoção do momento (em especial a apropriação política imediata que se fez do assassinato, nos meses prévios ao golpe de 1973) quanto, posteriormente, por uma luta contra o esquecimento de um jovem que foi vítima do processo que levou à ditadura chilena – mas, pela questão temporal de seu assassinato, não podia ser colocado na narrativa mais ampla das vítimas da repressão pinochetista.

Os poucos – e breves – textos biográficos a respeito do estudante brasileiro vitimado em Santiago são marcados, assim, por uma elevação de seu nome à condição de um personagem unificador da luta da esquerda e por uma insistente busca por incluí-lo entre os caídos na repressão política (ainda que, em seu caso, não perpetrada pelo Estado)<sup>22</sup>. É preciso, então, encarar tais documentos com as precauções de qualquer material usado numa pesquisa histórica – problematizando os indícios usados na construção de uma argumentação. Como sustenta Jacques Le Goff, “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos – uma biografia não *événementielle* não tem sentido”.<sup>23</sup> Parece-me que o “sentido” apontado por Le Goff, aqui, não é uma forma de explicar o inexplicável, atribuindo razões para os acontecimentos como se estivéssemos diante de uma jornada à maneira criticada por Bourdieu. O “sentido” buscado é de outra ordem, como uma maneira de esclarecer a importância do que está sendo abordado, do porquê determinados aspectos acabam sendo selecionados para compor a análise, e a relação desses fatos levantados com o problema da pesquisa. É o que procuraremos realizar nos parágrafos que seguem.

## **Um brasileiro no MIR**

Nascido em Cachoeira do Sul (na região central do estado do Rio Grande do Sul) em 2 de fevereiro de 1949, Nilton Rosa da Silva iniciou sua militância política quando já vivia na capital Porto Alegre, a fim de realizar os estudos secundários no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Em meio à efervescência que ocupava os

---

<sup>22</sup> A recente inclusão do nome de Nilton Rosa da Silva no relatório final da Comissão Nacional da Verdade (2014) demonstra que essa última tentativa vem sendo bem-sucedida nos últimos anos, com o reconhecimento oficial do estudante gaúcho como vítima tangencial tanto da ditadura brasileira (dado o exílio) quanto da chilena (em função de sua morte, supostamente pelas mãos da Frente Nacionalista Patria y Libertad, grupo que assumidamente buscava a derrocada de Allende e uma intervenção militar).

<sup>23</sup> Tradução livre. No original: “La biographie historique doit se faire, à un certain degré au moins, récit, narration d’une vie, elle s’articule autour de certains événements individuels ou collectifs – une biographie non événementielle n’a pas de sens”. Le Goff (1989, p. 48).

corredores da escola, Nilton identificou-se com as correntes de esquerda opostas ao regime militar brasileiro, chegando a integrar a direção da UGES entre 1967 e 1968. Foi contemporâneo de outros estudantes do “Julinho” cujos nomes, mais tarde, se tornariam conhecidos por também terem sido vitimados em perseguições políticas – sendo os casos mais famosos o de Luiz Eurico Tejera Lisboa, preso e desaparecido em São Paulo em setembro de 1972, e o de Jorge Alberto Basso, dois anos mais novo, que também se exilaria no Chile, fugindo a Buenos Aires após o golpe de Pinochet e finalmente se tornando um *detenido desaparecido* menos de um mês depois do golpe militar argentino de 1976.

Mesmo antes do Ato Institucional Número 5, que colocou o movimento estudantil à margem da legalidade, as atividades políticas dentro do colégio já se desenvolviam com certa dificuldade. No primeiro semestre de 1968, como estudante do segundo ano do curso científico, Nilton da Silva chegou a assinar um termo de compromisso padrão, imposto pela direção da escola aos estudantes de atuação política conhecida, garantindo não tentar promover qualquer nova atividade que pudesse ser vista como suspeita na instituição. No formulário, datado de 21 de maio, lê-se: “Eu, abaixo assinado, aluno matriculado regularmente neste Estabelecimento de Ensino, na 2ª série do curso / científico, turma H., me comprometo de não promover nenhuma agitação estudantil, dentro ou fora do recinto do Colégio”.<sup>24</sup> Apesar de sua conhecida – e malvista – atividade política, no entanto, não nos foi possível localizar até qualquer indício de que Nilton tenha sido pessoalmente perseguido pelo Estado brasileiro. Interessa-me, pois, sobretudo sua atuação no exílio, as circunstâncias de sua militância e sua morte (bem como as repercussões de seu assassinato, que não explorarei neste artigo).

Nilton sai do Brasil em 1971, não muito tempo depois de concluir o ensino secundário. Deixa o país em meio à violência do governo de Médici, seguindo o caminho de vários companheiros de militância e ex-colegas. Uma vez em Santiago, tem permitido o ingresso no curso de Castelhana oferecido pelo Instituto Pedagógico da Universidade do Chile. Carlos Beust, que conheceu Nilton antes de deixar o país e voltaria a encontrá-lo no campus do Pedagógico, explica sua decisão pessoal por buscar morada em solo chileno:

---

<sup>24</sup> “Termo de compromisso” assinado por Nilton Rosa da Silva em Porto Alegre, 21 de maio de 1968. Material obtido junto ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos pelo Comitê Carlos de Ré.

*A opção que a gente teve foi ir para lá porque era o único lugar que tinha uma democracia. E o Allende era um cara simpático, a gente simpatizava com as ideias dele. Aqui no Brasil, nessa época, como a repressão estava grande, a maioria dos meus companheiros estavam presos. Estavam perseguindo todo mundo, os mais próximos de mim estavam em cana, aí não tivemos alternativa.*<sup>25</sup>

A aparente “falta de alternativas” que Beust diz ter sentido pode ter sido, também, o que motivou Nilton da Silva a partir para Santiago na mesma época. Ainda que seu nome não apareça em materiais relativos à repressão direta do regime brasileiro, Nilton certamente possuía conhecidos que se encontravam nesta situação, assim como via outros amigos escolhendo o caminho do Chile – um destino ainda mais interessante aos militantes de esquerda após a vitória do socialista Salvador Allende, nas eleições presidenciais de setembro de 1970.

Raul Ellwanger, que militava clandestino na VAR-Palmares<sup>26</sup> de São Paulo e que, após cruzar os Andes, também passaria pelo Instituto Pedagógico, aponta um motivo a mais de atração provocada pelo Chile: não apenas pela proximidade geográfica e pela oportunidade apresentada pelo processo liderado por Allende, mas também porque o governo chileno não exigia passaporte para o ingresso no país – “a escolha do Chile, para algumas pessoas, era a única possível”.<sup>27</sup> Essas várias motivações são citadas também por outras fontes do convívio próximo de Nilton da Silva. Mas poderia existir, ainda, uma razão mais pessoal e sem relação com a política: segundo Isabel Ibarra, chilena com quem ele fez amizade no exílio, Nilton pode ter deixado o Brasil em decorrência de questões pessoais, que o teriam afastado da família. A escolha pelo Chile teria se dado, então, pelo exemplo dos amigos que escolheram aquela nação e pela falta de perspectivas (não apenas em termos de militância política) em seu país natal<sup>28</sup>.

De todo modo, Nilton encontrou no Instituto Pedagógico um ambiente muito propício à atuação política. Em todo o Chile, naquele momento, as paixões partidárias pareciam especialmente afloradas: a vitória de Salvador Allende havia ocorrido há pouco tempo, sem maioria absoluta (pouco mais de 36% dos votos), e as várias correntes do país discutiam acaloradamente os rumos a seguir, fosse na oposição (frequentemente violenta) ao governo, fosse nas formas de auxiliá-lo ou, até mesmo,

---

<sup>25</sup> Entrevista de Carlos Beust ao autor em 11 jun. 2013.

<sup>26</sup> A Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) surgiu em 1969, como resultado da fusão entre a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) de Carlos Lamarca e o Comando de Libertação Nacional (COLINA). Entre seus membros notáveis, a VAR-Palmares contou com Dilma Rousseff, que em 2010 se tornaria Presidenta do Brasil.

<sup>27</sup> Entrevista de Raul Ellwanger ao autor em 5 jun. 2013.

<sup>28</sup> Entrevista de Isabel Ibarra ao autor em 1º dez. 2014.

intensificar o processo de reformas sociais, que incluía a redistribuição de terras no campo, a nacionalização da mineração do cobre e do sistema bancário, a estatização de algumas fábricas, entre outras medidas colocadas no escopo da “via chilena” ao socialismo.

Não apenas a oposição – composta principalmente pelo Partido Demócrata Cristão (PDC), de centro, que antecedeu Allende no poder, e pelo Partido Nacional (PN), a grande sigla conservadora do país – era crítica ao governo. Dentro da esquerda, logo começaram a aparecer discordâncias: de um lado, o discurso legalista do presidente endossado sobretudo pelo Partido Comunista Chileno (PCCh); de outro, uma facção crescente que acusava o governo de um excessivo “reformismo” e de negociar em demasia com a “burguesia”, e desejava *azanzar sin transar* – avançar sem ceder, com mais velocidade e menos conversa. Na realidade, esta segunda posição tinha seu expoente mais forte no exterior da Unidade Popular – o MIR era o grande movimento à esquerda que questionava as posturas do governo e, sem jamais ter acreditado na efetividade do sistema democrático vigente para realizar a Revolução (o poder real, dizia, continuava nas mãos dos setores de sempre), argumentava sobre a necessidade de organizar o povo, armá-lo, e elaborar uma estratégia para o “inevitável” confronto que viria.<sup>29</sup> O discurso do MIR passaria a ecoar dentro da UP e, até 1973, setores importantes do Partido Socialista (PS), além de siglas menores, como a Izquierda Cristiana (IC) e o Movimiento de Acción Popular Unitaria (MAPU) se aproximariam consideravelmente da militância mirista.<sup>30</sup>

No entanto, após o golpe de Estado e nos longos anos da ditadura, essas proximidades foram gradualmente sendo ocultadas e reinterpretadas no discurso da esquerda. A postura legalista pregada publicamente por Salvador Allende acabaria triunfante dentro da UP e, ademais, admitir uma tendência a pegar em armas em nome da Revolução significaria uma redução da legitimidade democrática do processo, dando razão aos argumentos da Junta Militar, cujo discurso colocava como idênticos os

---

<sup>29</sup> Secretariado Nacional Movimiento de Izquierda Revolucionaria. “El MIR y el resultado electoral”. In: *Revista Punto Final*, n. 115, 13 out. 1970.

<sup>30</sup> Essa situação é um dos aspectos que analiso em minha Dissertação de Mestrado, partindo do episódio do funeral de Nilton da Silva – que contou com a presença massiva de militantes da UP, incluindo até mesmo do PCCh, que sempre manteve uma distância oficial em relação ao mirismo – para analisar o modo como se organizaram as articulações da esquerda no imediato pré-golpe, incluindo a possibilidade de adotar uma estratégia conjunta de resistência armada, como sempre pretendia o MIR. Projeto que, no final, acabaria não se realizando, com a supremacia das correntes legalistas da UP, levando à escassa resistência verificada pelos militares no levante de 11 de setembro de 1973, quando apenas alguns focos isolados e desarticulados chegaram a pegar em armas, sem maiores repercussões no sentido de evitar ou retardar a tomada do poder.

pensamentos do MIR ou dos partidos da UP. É certo, contudo, que embora o desgosto de militantes da Unidade Popular ao MIR tenha se fortalecido após o golpe (acusando-o de “extremista”, “ultra esquerdistas” e, de certo modo, culpando-o pela dificuldade em chegar a um acordo com a oposição, já que a existência do MIR era considerada um ato de conivência do Presidente da República com o radicalismo revolucionário), essa crítica já existia durante os anos de Salvador Allende.

Fundado na Universidade de Concepción em 1965, o MIR se considerava a “vanguarda marxista-leninista” no país, e vinha intensificando suas ações desde 1967, quando a ala liderada pelo estudante de medicina Miguel Enríquez assumiu seu secretariado geral<sup>31</sup>. Para a esquerda moderada, o MIR era comparável aos Tupamaros uruguaios e tachado de extremista, numa tentativa de isolá-lo do governo<sup>32</sup>. De fato, mesmo sem realizar ações aparatosas como seu suposto “análogo” uruguaio – o máximo que o grupo chileno adotou por política oficial foi realizar assaltos a banco, aos quais chamava “expropriações”, antes do governo Allende –, o MIR afirmava já em sua declaração de princípios que buscava o “derrocamiento del sistema capitalista<sup>33</sup>”, sem descartar a luta armada para este fim<sup>34</sup>.

A CIA considerava o grupo “un brazo de acción encubierta” de Allende, que seria usado para driblar a lei e promover radicalismos onde a opinião pública poderia reprovar uma ação mais enfática do governo<sup>35</sup>. De fato, já no fim de 1970, o presidente indultou um grupo de miristas presos na presidência anterior, alegando serem apenas “jovens idealistas”,<sup>36</sup> numa medida que causou grande polêmica. Allende também contou com pessoal do MIR em sua escolta particular nos primeiros tempos do governo, proximidade que seria usada posteriormente pelos militares para justificar a intervenção, alegando haver um plano para usar o grupo e um “autogolpe” visando implantar uma

---

<sup>31</sup> Enríquez permaneceu como líder do MIR até depois do golpe. Incentivador da política “el MIR no se asila”, acusando os membros de outros partidos da esquerda de abandonar o povo no momento de maior necessidade, ele seguiu no Chile após a tomada do poder pelos generais. Viveu clandestino em Santiago por mais de um ano, até ser morto num cerco feito à casa em que se escondia, em outubro de 1974.

<sup>32</sup> Torres (2012, p. 19).

<sup>33</sup> Declaración de Principios. Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). Naranjo et al. (2004, p. 99-101).

<sup>34</sup> Programa. Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). Naranjo et al. (p. 103-105).

<sup>35</sup> Basso Prieto (2013, p. 223).

<sup>36</sup> Prats (1985, p. 199).

“ditadura popular”.<sup>37</sup> O MIR foi demonizado e ferozmente perseguido pós o golpe de 11 de setembro.<sup>38</sup>

Por outro lado, a aproximação de Allende com o MIR é defendida – nos meios da UP – como uma busca por evitar que o radicalismo do grupo prejudicasse o governo. Durante as eleições, o futuro presidente havia solicitado ao movimento que não realizasse atos violentos, para não prejudicar suas possibilidades de vitória, oferecendo-lhes cargos em seu efetivo de segurança pessoal caso viesse a ser eleito. Já em novembro de 1971, contudo, os miristas haviam abandonado a escolta presidencial, precisamente por discordar de Allende.<sup>39</sup> O grupo passou a ser visto com mais reservas pela UP. Max Marambio, que se desligou do MIR para seguir na escolta, relata que a organização havia esperado a derrota eleitoral da Unidade Popular, interpretando que isso reforçaria a tese da luta armada como única alternativa para a esquerda chegar ao poder.<sup>40</sup>

Ainda assim, apesar de toda essa resistência quanto ao MIR, manifestada oficialmente em diversos momentos pelos partidos da UP – e sempre pelo Partido Comunista, que até o fim tentou se manter distante do mirismo –, havia uma margem considerável para articulações entre um lado e outro. Desde o início da década de 1970, os miristas vinham tentando se afastar da imagem de grupo nascido na universidade, fundado por “pequeno-burgueses”, e tentava se articular em diversas “frentes intermediárias”, atuando junto aos movimentos camponeses, sindicatos operários, organizações de *pobladores*<sup>41</sup>, além de duas frentes estudantis – o Movimiento Universitario de Izquierda (MUI) e a Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER).

No Instituto Pedagógico, especialmente, as militâncias das várias correntes de esquerda eram próximas. O grupo era visto com uma esperada reticência, como demonstra o comentário de Raul Ellwanger: “para mim era meio maluco um partido ficar falando em luta armada dentro de um sistema muito democrático, com a suposta tradição inquebrável [...] Então não me convencia”.<sup>42</sup> Mas a discordância não

---

<sup>37</sup> Cf. o *Libro Blanco del Cambio de Gobierno en Chile*, livro editado logo após o golpe, reunindo documentos – muitos dos quais forjados – que “comprovariam” os projetos ditatoriais de Allende e sua ligação com a “guerrilha”. Secretaría General de Gobierno (1973, p. 21-7).

<sup>38</sup> Manchetes degradantes, como a famosa “Exterminados como ratones” (*La Segunda*, Santiago de Chile, 24 jul. 1975) se tornaram comuns para se referir à morte de miristas causadas por agentes de Pinochet.

<sup>39</sup> Moniz Bandeira (2008, p. 284).

<sup>40</sup> Marambio (2007).

<sup>41</sup> *Pobladores* era como se denominavam os habitantes (geralmente os próprios fundadores) de agrupamentos urbanos periféricos ocupados de forma irregular. As *poblaciones*, como se chamavam, poderiam ser comparadas às favelas brasileiras.

<sup>42</sup> Entrevista de Raul Ellwanger ao autor em 5 jun. 2013.

representava uma animosidade mais grave: diferentes relatos<sup>43</sup> que pude levantar apontam que o Pedagógico – cuja tradição em agitações políticas rendeu-lhe o apelido de *Piedragógico*, alusão às pedras que os estudantes atiravam em vidraças e patrulhas policiais durante suas manifestações – era um ambiente de grande abertura e diálogo entre as militâncias, o que demonstrava uma integração maior dos membros do MIR com os filiados à UP do que os discursos oficiais dos partidos fazem parecer, especialmente em retrospectiva.

Com efeito, o MIR, que em suas várias frentes talvez tenha chegado a mais de 40 mil membros em 1973<sup>44</sup>, sempre manteve sua maior força entre os estudantes universitários – mesmo as organizações destinadas a trabalhar em outros setores, como as *poblaciones*, tinham muitas lideranças saídas do movimento estudantil. Na opinião do ex-mirista Patricio Rivas, a atração da juventude se devia a uma característica muito particular do mirismo: “Había un rasgo que lo hacía más atractivo que otras organizaciones de izquierda. El MIR era dirigido por jóvenes y eso impresionaba”.<sup>45</sup> Mais do que sua militância pregressa ou um posicionamento ideológico específico, essa grande penetração do MIR sobre estudantes da sua idade, a enorme influência de seus colegas de curso e o ambiente favorável a essa corrente encontrado no Instituto Pedagógico podem ter contribuído para convencer Nilton da Silva a integrar a FER, um dos braços estudantis do mirismo.

A racionalização de Raul Ellwanger, para quem a luta armada fazia sentido no Brasil sob ditadura mas não parecia ter espaço no contexto chileno, não foi a mesma de outros estudantes contemporâneos de Nilton que decidiram pelo MIR, como Isabel Ibarra e Carlos Beust. Nas palavras deste último: “o MIR naquela época sempre apoiou o Allende. O MIR criticava, mas apoiava sempre. Só que dizia que era preciso dar um passo mais à frente”.<sup>46</sup> Essa análise entra em concordância com documentos internos do movimento à época, nas quais a alegada “lentidão” do governo é sempre alvo de críticas, mas Miguel Enríquez e outras lideranças miristas reforçam a necessidade de defender a gestão de Allende – tratava-se, afirmavam, de acelerar o processo existente (e organizar uma eventual resistência), e não de impor dificuldades ao governo. É

---

<sup>43</sup> Essa situação foi mencionada não só nas entrevistas já mencionadas de Carlos Beust, Isabel Ibarra e Raul Ellwanger, mas também na concedida por Sheila Borba (entrevista em 31 out. 2014), que passou pelo Instituto Pedagógico entre 1970 e 1971, pouco antes da chegada de Nilton.

<sup>44</sup> A maior parte dos registros oficiais do movimento se perdeu na época da repressão. Esse número é uma estimativa – possivelmente exagerada – de Andrés Pascal Allende, sobrinho do presidente Salvador Allende e um dos líderes do MIR à época. Cf. Pascal Allende (2003, p. 70).

<sup>45</sup> Rivas (2007, p. 19).

<sup>46</sup> Entrevista de Carlos Beust ao autor em 11 jun. 2013.



provável que esse posicionamento também tenha convencido Nilton Rosa da Silva que, depois da filiação, tornou-se um membro muito ativo nos corredores do Instituto Pedagógico e nas ações levadas a cabo pela organização – com destaque para sua atuação durante a ocupação de um supermercado próximo ao campus, a fim de vender alimentos ao preço tabelado pelo governo num momento de inflação e açambarcamento, durante a greve de caminhoneiros ocorrida em outubro de 1972.

É esse Nilton militante do MIR que, no primeiro semestre de 1972, escreverá os nove poemas contidos em *Hombre América*, o livro que analisaremos brevemente a seguir, a fim de observar possíveis relações entre o discurso presente em seus versos e a política defendida pelo mirismo naquele momento.

### **Nove poemas em Santiago**

Uma identificação com o mirismo e seus discursos aparece já na ilustração de capa do livro. Desenhada à mão livre, de autor desconhecido, ela remete simultaneamente ao internacionalismo pregado por movimentos revolucionários como o MIR, assim como à luta armada: trata-se de um mapa do continente sul-americano, do qual emerge um punho cerrado erguendo um fuzil. Outros aspectos da retórica mirista aparecem aqui e ali como, por exemplo, a tentativa de unir o intelectual e o estudante universitário aos operários por uma causa comum – um exemplo é a sexta estrofe do “Poema II”, na qual se lê “La pluma del poeta en la noche/ es como la herramienta del obrero./ La sangre y el llanto del obrero/ en la fábrica/ es el llanto y la sangre del poeta/ en sus versos”.<sup>47</sup>

Se não podem ser comparados exatamente, o sangue e o pranto do poeta e do operário são similares, escreve Nilton, nas razões que os provocam, identificando-se nos anseios por mudança que ele anunciará ao longo do livro. Mais do que refletir um movimento político, cujas ideias bem podem ser encontradas também no seu texto, o brasileiro argumenta: o que realmente está em jogo, e está sendo exposto, não é um programa, mas um anseio popular do qual seus versos são eco – “las horas tristes del poeta/ no son más que la tristeza de su pueblo”.<sup>48</sup> No entanto, no poema imediatamente seguinte, o texto indicará uma nuance a mais nessa postura. O poeta pretende falar o que o povo sente, sim, mas se coloca na função do porta-voz de uma massa calada, muito

---

<sup>47</sup> “Poema II”. Silva (1972, s.p.).

<sup>48</sup> “Poema II”. Silva (1972, s.p.).

mais do que um amplificador dessas vozes: “El pueblo está callado/ Los explotados no piensan.../ sienten.../ Silencio.../ El pueblo está hablando.../ el poeta está hablando.../ el poeta.../ el desgraciado y maldito poeta/ La voz del pueblo sale de su boca”.<sup>49</sup>

No universo de *Hombre América*, no qual os poemas estão relacionados uns com os outros e formam uma espécie de sequência autorreferencial, o povo só ganha voz através do poeta. Quando deixa de estar calado, é porque encontrou alguém que fale por ele: “El poeta está hablando.../ el pueblo no está callado/ su voz viene firme e incansable/ en la voz del poeta”.<sup>50</sup> Essa postura evidenciada nos versos de Nilton da Silva está flagrantemente relacionada com o modo de organização do MIR – que, na realidade, nada mais é do que a busca de materializar, no contexto chileno, os posicionamentos da teoria e *práxis* marxista-leninista que o grupo dizia seguir. Como argumenta Mario Garcés, o MIR não só afirmou a necessidade do componente militar na luta revolucionária, mas também a questão da formação de um partido revolucionário que assumisse a tarefa de fazer a revolução no Chile.<sup>51</sup> Esse partido revolucionário deveria ser, dentro dos moldes marxistas, uma vanguarda – saída dos círculos intelectuais ou não – a organizar a população em torno da causa. Algo que aparece até no hino do MIR: “No habrá vallas, ni ríos, ni puertas/ que el obrero no pueda cruzar/ conducidos por una vanguardia/ que los lleve al poder popular/ ¡Trabajadores al poder!”.<sup>52</sup>

Mas, assim como a retórica da vanguarda não é uma exclusividade do mirismo, conforme se avançam nos poemas de *Hombre América* – que, por serem relacionados uns aos outros, só podem ser compreendidos em sua totalidade –, percebem-se mais e mais aspectos ligados a um discurso amplo da esquerda latino-americana. O Nilton desses versos não é tanto um militante da frente universitária do MIR, mas alguém que se identifica com a retórica esquerdista em busca de tempos melhores – acabar com a exploração, o imperialismo, o sofrimento do povo. Notavelmente, nenhum dos poemas ali contidos fala explicitamente em lutar pela revolução (o termo “*revolución*” não é mencionado sequer uma vez), algo que talvez possa indicar uma impressão positiva com o processo já vivido sob Salvador Allende. As mudanças eram necessárias, mas a “revolução” – embora não exatamente como pretendida pelo MIR – já estava em

---

<sup>49</sup> “Poema III”. Silva (1972, s.p.).

<sup>50</sup> “Poema III”. Silva (1972, s.p.).

<sup>51</sup> “Prólogo”. Garcés. In: Naranjo et al. (2004, p. 10).

<sup>52</sup> “Trabajadores al poder” (Nelson Villagra). In: Cancioneros – diario digital de música de autor. Disponível em <<http://www.cancioneros.com/nc/6364/0/trabajadores-al-poder-nelson-villagra>>. Acesso em 2 fev. 2015.

andamento no Chile. É uma perspectiva plausível para um brasileiro que, saído da repressão em seu país, encontrava um processo tão aberto quanto o vivido no Chile. De fato, a única vez em que se fala em revolução é no prólogo, quando o texto se refere ao Brasil: em seu país natal, escreve Nilton da Silva, o povo “bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva”.<sup>53</sup>

De todo modo, há, sim, algo que surge como clara referência às posturas miristas e não tanto àquelas da Unidade Popular. Talvez seja a parte mais identificada com o que se imaginava do MIR: a contemplação da possibilidade de morrer por suas ideias, que aparece mais de uma vez no texto, particularmente no “Poema VIII”:

*Un día quien sabe como ahora  
de madrugada,  
en la triste y afable madrugada,  
llegue la muerte despacio y me sorprenda,  
aunque esta muerte no sea por ti,  
(porque además de ti y de tu amor,  
existen los seres de mi patria  
lejana y pura...)  
Aunque mi muerte no traiga tu nombre  
en mi boca.  
(Aunque traiga el nombre de mi pueblo  
o de tu pueblo.)  
Aún así mis últimos pensamientos  
serán tuyos.*

Esses versos estão destinados à mulher amada – ela é a pessoa a quem Nilton se refere quando fala em “ti”. Nesse fragmento, que em retrospectiva parece um prelúdio da tragédia que ceifou a vida do brasileiro, é como se Nilton explicasse as razões de uma possível morte. Ela não será “por ti”, pelo amor, porque além de “ti” existem as pessoas pelas quais se luta no cotidiano da militância – inicialmente, apenas os “seres de mi patria/ lejana y pura”, mas logo o poeta acrescenta também a possibilidade de morrer em conflitos dentro do Chile, quando fala que o nome trazido na boca pode ser “de mi pueblo/ o de tu pueblo”.

Mas o texto de Nilton da Silva jamais será uma cega reprodução de discursos, um espelho do programa da organização a que estava filiado. O que parece mais evidente nas poesias de *Hombre América* é uma preocupação flagrante pela situação deixada para trás no Brasil. Talvez por ainda estar havia pouco tempo no Chile, talvez por estar positivamente impressionado com o processo vivido sob Allende, ou quiçá por

---

<sup>53</sup> “Prólogo”. Silva (1972, s.p.).

encarar sua ainda incipiente militância no MIR uma continuação “natural” das atividades que desenvolvia em seu país – o que poderia ajudar a explicar sua escolha por um grupo mais “radical” –, Nilton fala muito pouco do contexto chileno em particular. As causas mencionadas nos versos são sempre expostas em termos de internacionalismo ou de preocupação com as agruras vividas pelos brasileiros sob a ditadura militar.

Nilton da Silva não só escreveu mas, após sua morte, também teve alguns poemas dedicados a ele por ex-colegas. O chileno Oscar Aguilera foi autor de um deles, no qual registrava:

*con su español a medio terminar  
se nos queda caído en la alameda  
sobresaltadamente brasileño  
anunciando lo que viene  
en la historia de Chile.  
Sobresaltadamente tan chileno  
Nilton sin tumba  
Nilton sin árbol  
poeta sin sepulcro  
viviendo y reviviendo en toda lluvia<sup>54</sup>*

A impressão descrita por Aguilera, do Nilton brasileiro e, ao mesmo tempo, tão chileno, é algo que pode ser percebido nas linhas de seu próprio volume de poesia. Ao longo dos nove textos escolhidos para compor *Hombre América*, o estudante nascido em Cachoeira do Sul mescla preocupações de sua militância atual com as várias menções à luta contra o regime ditatorial no Brasil.

Dentro do curso, é certo, Nilton encontrou muitos colegas com a mesma disposição artística que ele. Juntos, chegaram a criar a revista *Etcétera*, que reuniria alguns poemas de cada um. Com tendências políticas semelhantes, não era difícil que muitas vezes as expusessem nos versos que escreviam. Mas as estrofes produzidas pelo brasileiro tinham algo que as diferenciava. Para Aguilera, que define Nilton da Silva como um “hablador impenitente, seductor incansable, solitario estudioso del marxismo y la poética, revolucionario internacionalista a carta cabal<sup>55</sup>”, o colega trazia, no convívio diário e na poesia, “un caudal de experiencias de su patria, que nos dejaba con

---

<sup>54</sup> “El poeta Nilton”. In: Aguilera (2005, p. 3-4).

<sup>55</sup> Aguilera (2005, p. 1).

escalofríos pensando, en ese tempo, que en Chile jamás ocurrirían esas cosas de las que Nilton había sido testigo y víctima en Brasil: secuestros, torturas, asesinatos”.<sup>56</sup>

A preocupação de Nilton da Silva com a situação em seu país natal é exposta já no prólogo de *Hombre América*, nos seguintes termos:

*Los pueblos latinoamericanos viven en una fase de lucha por su liberación definitiva de la dominación política económica imperialista y en lucha por la construcción de una sociedad socialista.*

*Pero mientras la lucha de clases se agudiza y se demuestra en muchos países la posibilidad real de la toma del poder por las fuerzas del proletariado, existen países como BRASIL, donde el imperialismo y fascismo se manifiesta con toda su fuerza e intenta aplastar al proletariado en su lucha.*

*Pero, la lucha continúa, el pueblo brasileño, bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva.*

*En estos días el gobierno fascista brasileño conmemora sus ocho años de existencia y de dominación sobre nuestro pueblo.*

*Por esto en los días que el fascismo conmemora su dominación con la sangre del pueblo, yo, como acto de rebeldía y de manifestación clara de demostrar lo que hace el fascismo, escribo estos versos.*<sup>57</sup>

No “Poema V”, uma vez mais, Nilton parte do Brasil para propor uma luta continental contra a repressão: “Mi patria hoy tiene su bandera rota,/ hoy tiene su cuerpo sangrando,/ mi patria hoy tiene su pueblo en duelo,/ hoy tiene su pueblo en lucha...”.<sup>58</sup> Isso ficará ainda mais explícito na poesia seguinte: “Las cárceles de mi patria están llenas,/ las calles de mi patria,/ tiene desesperación y muerte./ Cada uno de su pueblo/ trae en su rostro la incertidumbre/ y la desconfianza...<sup>59</sup>”, raciocínio complementado algumas estrofes mais tarde por “El nombre de mi patria,/ no es más el nombre de mi pueblo,/ sino el nombre de sus explotadores./ Su bandera no es más que un paño roto,/ rayado de verde y amarillo/ y manchado de pólvora y sangre.// Pero mi patria no dejó/ de ser la patria de los humildes...”.<sup>60</sup> A vontade de se comunicar com tudo o que deixou para trás<sup>61</sup> é finalmente extrapolada no último poema do livro, o

---

<sup>56</sup> Aguilera (2005, p. 2).

<sup>57</sup> “Prólogo”. Silva (1972, s.p.).

<sup>58</sup> “Poema V”. Silva (1972, s.p.).

<sup>59</sup> “Poema VI”. Silva (1972, s.p.).

<sup>60</sup> “Poema VI”. Silva (1972, s.p.).

<sup>61</sup> Isabel Ibarra, uma das amigas mais próximas de Nilton, diz que o brasileiro jamais falou de sua família e nunca deu sinais de ter se correspondido com ela enquanto esteve no Chile. Entrevista de Isabel Ibarra ao autor em 1º dez. 2014.

“Poema IX”, no qual Nilton começa pedindo “Vuela... Vuela mi paloma...” e então afirma:

*No importa que no vengas nunca más.  
Lo que importa es que dentro de ti,  
arriba de tus alas estoy yo,  
está mi ser, mis pensamientos.  
Quiero despacio, en la inmensa noche,  
despertar en mi patria  
longinqua y sola,  
en la inmensidad de américa dormida.*<sup>62</sup>

Mas, em todos esses poemas, como se nota no fragmento acima, o Brasil é sempre colocado dentro da América, inseparável do contexto mais amplo de ditaduras que pontilhavam o continente. Se a *América* está invariavelmente colocada nos versos, quem seria exatamente o *Hombre* também presente no título? É o Che Guevara, citado explicitamente no “Poema IV”<sup>63</sup> É o próprio Nilton, que vive em outras terras do continente, sentindo a alegria e o calor de outros povos, sentindo a miséria e opressão com outros irmãos (como menciona no “Poema V”)<sup>64</sup> Parece ser, mais propriamente, a experiência do militante de esquerda, do trabalhador humilde, do pobre latino-americano em geral. O “hombre” da América são todos eles, algo que Nilton da Silva parecia já indicar no “Poema I”, no fragmento em que assume a identidade de poeta/porta-voz e se despersonaliza: “Hoy soy pueblo...// Hoy soy ser despierto,/ sin nombre,/ porque hoy soy POETA...”.

Desta maneira, não se pode reduzir a preocupação de Nilton a expor a situação brasileira, oito anos depois do golpe de 1964, e nem a uma simples representação do posicionamento do MIR. O estudante brasileiro do Instituto Pedagógico, a sua maneira, repercute a experiência de vida – dele e de outros exilados –, abraçando um discurso internacionalista de luta contra as explorações e opressões. “Con su español a medio terminar”, o primeiro verso do poema de Oscar Aguilera sobre Nilton, pode ser interpretado tanto como uma menção ao curso de castelhano interrompido pela metade, ou ao sotaque tão marcante de um estrangeiro que gostava de recitar poemas em saraus

---

<sup>62</sup> “Poema IX”. Silva (1972, s.p.).

<sup>63</sup> “Lejos de la patria,/ ausente de tu pueblo,/ junto al amigo,/ frente al enemigo,/ así eres, tú, hombre de américa./ Nacido en el vientre de los humildes/ y criado en las tierras áridas y profundas,/ de américa virgen y ardiente./ Luchador en la patria,/ combatiente en la selva./ Amigo de los pobres,/ defensor de los oprimidos./ Así eres tú CHE./ Así lo eres todavía GUEVARA”. “Poema IV”. Silva (1972, s.p.).

<sup>64</sup> “Yo el ser despierto,/ que vive en otras tierras de américa,/ que siente la alegría y el calor/ de otros pueblos,/ que sufre la miseria y la opresión/ con otros hermanos...”. “Poema V”. Silva (1972, s.p.).

da universidade. É notável que, apesar disso, do espanhol tropeçante, a decisão e Nilton da Silva tenha sido a de compor *Hombre América* inteiramente em castelhano. Com exceção da epígrafe<sup>65</sup>, todo o restante do texto é feito na língua do país adotivo.

Em todos os relatos de antigos exilados, de ex-colegas de Nilton no Instituto Pedagógico, percebe-se algo que também deve ter permeado a sua poesia: uma gratidão com o país que os acolheu e uma tentativa por integrar-se ao novo cenário em que viviam. Essa situação, presente naquilo que Nilton Rosa da Silva produziu em vida, apareceria também, pelas mãos de outros exilados, no momento de sua morte. A bandeira que sua poesia dizia estar “rota”, manchada de pólvora e sangue, não podia ser aquela colocada sobre seu féretro. O instante da morte de Nilton passaria por uma apropriação, também, no sentido de manifestar contrariedade à ditadura brasileira, como ele tantas vezes demonstrara em vida.

Conforme relata Carlos Beust: “muitos brasileiros queriam colocar a bandeira do Brasil em cima do caixão dele, e nós não permitimos. [...] A bandeira que devia ser colocada em cima era a bandeira do Chile e a bandeira do MIR”. E justificavam: “ele morreu aqui no Chile, saiu do Brasil exatamente porque não deixaram ele ficar lá”.<sup>66</sup>

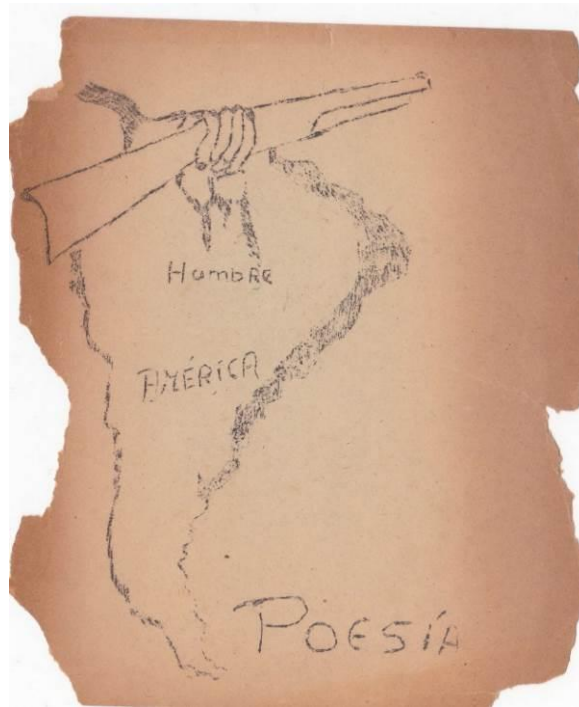
---

<sup>65</sup> Na qual se lê, em caixa alta: “O AMANHECER É BELO/ QUANDO SE ESPERA/ E SE TEM A CERTEZA DE QUE ELE VAI CHEGAR”. Silva (1972, s.p.).

<sup>66</sup> Entrevista de Carlos Beust ao autor em 11 jun. 2013.

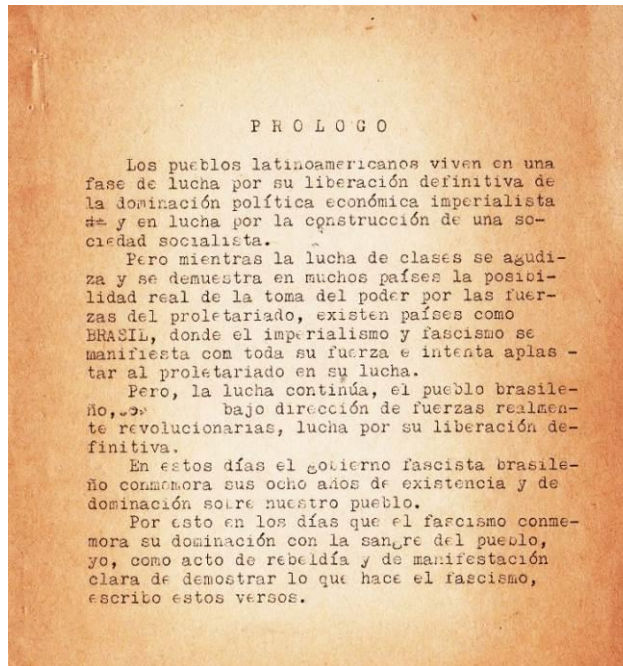
## Hombre América em imagens

Figura 1 – Capa de *Hombre América*. Desenho de autoria desconhecida.



Fonte: Silva (1972)

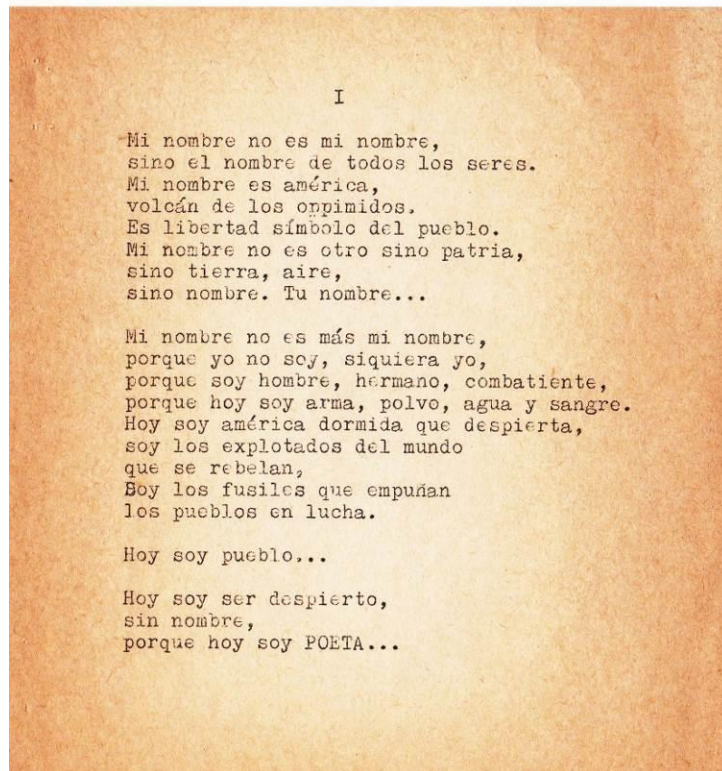
Figura 2 – Prólogo de *Hombre América*.



Fonte: Silva (1972)



**Figura 3 – Fragmento do “Poema I”**



Fonte: Silva (1972)

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Oscar. Nilton da Silva, Brasileiro, todo este territorio es tu sepulcro. **Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile**, dossier, p. 1-8, 2005. Disponível em <[http://www.archivochile.com/Memorial/caidos\\_mir/D/da\\_silva\\_nilton.pdf](http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/D/da_silva_nilton.pdf)> Acesso em 14 dez. 2014.

BERLIN, Isaiah. A inevitabilidade histórica. In: \_\_\_\_\_. **Estudos sobre a humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 159-225.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 11.ed. Campinas: Papirus, 2011.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**, v. 3. Brasília: CNV, 2014. Disponível em <

[http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_3\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf)> Acesso em: 31 mar. 2015.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma Vida. São Paulo: USP, 2009.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. **Le Débat**, n. 54, p. 48-53, mar.-abr. 1989.

LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra *et al.* (org.). **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória**, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 267-301.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê?. In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 85-102.

MARAMBIO, Max. **Las armas de ayer**. Santiago de Chile: La Tercera, 2007.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NARANJO, Pedro et al (ed.). **Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile**: Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004.

PASCAL ALLENDE, Andrés. **El MIR chileno**. Una experiencia revolucionaria. Rosario: Cucaña, 2003.

PRATS, Carlos. **Memorias**. Testimonio de un soldado. Santiago de Chile: Pehuén, 1985.

RIVAS, Patricio. **Chile, un largo septiembre**. Santiago de Chile: LOM, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas, aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997.

SECRETARÍA NACIONAL DE GOBIERNO. **Libro Blanco del Cambio de Gobierno en Chile**. 2.ed. Santiago de Chile: Lord Cochrane, 1973.

SECRETARIADO NACIONAL MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. El MIR y el resultado electoral. **Revista Punto Final**, n. 115, Documentos, Santiago de Chile, p. 1-12, 13 out. 1970.

SILVA, Nilton Rosa da. **Hombre América**. Poesía. Santiago de Chile: mimeo., 1972.

TORRES, Osvaldo. **Democracia y Lucha armada: MIR y MLN-Tupamaros**. Santiago de Chile: Pehuén, 2012.

**Artículo recibido: 6 de abril de 2015**

**Artículo aprobado: 15 de mayo de 2015**

**Artículo publicado: julio de 2015**